

**PESQUISA-DOCUMENTÁRIO SOBRE A INVISIBILIDADE DE
TRABALHADORES INFORMAIS EM SITUAÇÃO DE RUA**

***INVESTIGACIÓN-VIDEO-DOCUMENTAL SOBRE LA INVISIBILIDAD DE LOS
TRABAJADORES INFORMALES EN SITUACIÓN DE VIDA EN LA CALLE***

***DOCUMENTARY-RESEARCH ON THE INVISIBILITY OF INFORMAL WORKERS
LIVING ON THE STREETS***



Erika Priscilla de Freitas HOUNSELL¹
e-mail: erika_hounsell@hotmail.com



Ronaldo GOMES-SOUZA²
e-mail: ronaldopsicologo@ufam.edu.br



Ursula KIRSCHNER³
e-mail: ursula.kirschner@leuphana.de



Estephania de Lima OLIVEIRA⁴
e-mail: estephaniapsy@gmail.com



Edinaldo Inocência FERREIRA JUNIOR⁵
e-mail: edinaldoferreira.adv@gmail.com



Mirlene Carvalho PARENTE⁶
e-mail: psimirlene@gmail.com



Flávia Giovana dos Santos GONÇALVES⁷
e-mail: fllaviagiovana@gmail.com

¹ Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus – Amazonas (AM) – Brasil. Mestre em Psicologia. Professora e pesquisadora.

² Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus – Amazonas (AM) – Brasil. Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Professor, pesquisador e extensionista do PPGPSI - LAPSIC.

³ Leuphana University Lüneburg, Lüneburg – Universitätsallee – Alemanha. Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Professora e pesquisadora.

⁴ Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus – Amazonas (AM) – Brasil. Mestre em Psicologia. Professora e pesquisadora.

⁵ Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus – Amazonas (AM) – Brasil. Mestrado em Engenharia, Gestão de Processos, Sistemas e Ambiental. Professor e pesquisador.

⁶ Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus – Amazonas (AM) – Brasil. Mestranda em Psicologia. Professora e pesquisadora.

⁷ Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus – Amazonas (AM) – Brasil. Mestranda em Psicologia. Professora e pesquisadora.

Como referenciar este artigo:

Hounsell, E. P. F., Gomes-Souza, R., Kirschner, U., Oliveira, E. L., Ferreira Junior, E. I., Parente, M. C., Gonçalves, F. G. S. (2026). Pesquisa-documentário sobre a invisibilidade de trabalhadores informais em situação de rua. *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, 27, e026003. e-ISSN: 2594-8385. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27i00.20887>



| **Submetido em:** 29/01/2026
| **Revisões requeridas em:** 19/02/2026
| **Aprovado em:** 22/05/2026
| **Publicado em:** 23/06/2026

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

RESUMO: Este relato de experiência apresenta contribuições teórico-metodológicas de uma disciplina de um Programa de Pós-Graduação em Psicologia voltada à produção de uma Pesquisa-Documentário (P-D). O estudo objetivou relatar a experiência de elaboração de um documentário sobre a invisibilidade de trabalhadores informais em situação de rua. A metodologia fundamentou-se na P-D como estratégia de investigação e intervenção psicossocial, orientada por princípios ético-políticos, participativos e colaborativos. O método pressupõe a construção compartilhada do conhecimento entre pesquisadores-documentaristas e sujeitos-personagens, utilizando o audiovisual como espaço de escuta, diálogo e produção coletiva de narrativas e afetos. Os resultados demonstraram que o uso do audiovisual favoreceu a coprodução de conhecimentos, ampliou a acessibilidade da ciência e fortaleceu a devolutiva social. Conclui-se que o método audiovisual constitui um dispositivo ético e inovador para visibilizar sujeitos e experiências historicamente marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual. Trabalhadores informais. Pessoa em situação de rua.

RESUMEN: Este relato de experiencia presenta las contribuciones teórico-metodológicas de una asignatura de un Programa de Posgrado en Psicología orientada a la producción de una Investigación-Documental (I-D). El estudio tuvo como objetivo relatar la experiencia de elaboración de un documental sobre la invisibilidad de los trabajadores informales en situación de calle. La metodología se fundamentó en la I-D como una estrategia de investigación e intervención psicossocial, guiada por principios ético-políticos, participativos y colaborativos. El método presupone la construcción compartida del conocimiento entre investigadores-documentaristas y sujetos-personajes, utilizando el audiovisual como un espacio de escucha, diálogo y producción colectiva de narrativas y afectos. Los resultados demostraron que el uso del audiovisual favoreció la coproducción de conocimientos, amplió la accesibilidad de la ciencia y fortaleció la devolución social. Se concluye que el método audiovisual constituye un dispositivo ético e innovador para visibilizar a sujetos y experiencias históricamente marginados.

PALABRAS CLAVE: Audiovisual. Trabajadores informales. Personas sin hogar.

ABSTRACT: This experience report presents the theoretical and methodological contributions of a course within a Graduate Program in Psychology focused on the production of a Documentary-Research (D-R). The study aimed to report the experience of producing a documentary on the invisibility of informal workers experiencing homelessness. The methodology was grounded in D-R as a strategy for psychosocial research and intervention, guided by ethical-political, participatory, and collaborative principles. The method assumes the shared construction of knowledge between researcher-documentarians and subject-characters, using audiovisual resources as a space for listening, dialogue, and the collective production of narratives and affects. The findings demonstrated that the use of audiovisual resources promoted the co-production of knowledge, increased the accessibility of science, and strengthened social feedback. It is concluded that the audiovisual method constitutes an ethical and innovative device for giving visibility to historically marginalized subjects and experiences.

KEYWORDS: Audiovisual. Informal workers. Homeless people.

INTRODUÇÃO

O trabalho informal, historicamente presente nas formações sociais capitalistas, tem se reconfigurado nas últimas décadas como uma estratégia de sobrevivência diante do desemprego estrutural e da precarização das relações laborais (Tavares, 2004). No Brasil, a informalidade assume múltiplas formas, que vão desde o comércio ambulante até os chamados “bicos”, sendo este um dos principais meios de subsistência de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Segundo Rodrigues Durães (2020), o trabalho informal exercido nas ruas expressa uma nova lógica de inserção no mercado, em que práticas de sobrevivência se articulam à lógica empresarial, mas permanecem desprovidas de direitos e proteção social. Nesse contexto, destaca-se também o crescimento de trabalhadores desalentados, isto é, sujeitos que deixam de buscar inserção no mercado formal diante das sucessivas experiências de desemprego, passando a recorrer ao trabalho informal como alternativa de sobrevivência.

Desta forma, a informalidade torna-se uma opção viável para obtenção de renda, ainda que precarizada ou desprovida de garantias trabalhistas (Tiengo, 2021). A informalidade, portanto, não deve ser compreendida somente como ausência de formalização, mas como uma dimensão constitutiva do capitalismo contemporâneo, que transforma a precarização em norma (Antunes, 2018). Como apontam Bernardino e Andrade (2015), a informalidade está associada a condições laborais degradantes, ausência de segurança social e aumento dos riscos à saúde física e mental. Assim, a experiência cotidiana desses sujeitos é marcada pela vulnerabilidade, pela insegurança e pela ausência de reconhecimento social e econômico.

Entre os trabalhadores informais urbanos, destacam-se as pessoas em situação de rua, que vivenciam condições de extrema pobreza ou vulnerabilidade social, frequentemente marcadas pelo rompimento de vínculos familiares e pela ausência de moradia fixa, utilizando os espaços públicos como local de permanência e sobrevivência. Esses sujeitos enfrentam condições laborais precárias e processos de invisibilidade social que dificultam o acesso a direitos básicos, políticas públicas e oportunidades de inserção no mercado formal de trabalho. Além disso, a fragilidade das redes de apoio e a instabilidade financeira favorecem o agravamento do sofrimento psíquico e das dificuldades relacionais, intensificando processos de exclusão e marginalização social (Vasconcelos et al., 2023).

No contexto urbano brasileiro, observa-se que as pessoas em situação de rua desenvolvem atividades informais diversas como a coleta de materiais recicláveis (latinha e papelão), serviços gerais de construção civil (ajudante de obras), venda ambulante e prestação

de serviços esporádicos como lavagem e vigilância de carros em estacionamentos públicos, que funcionam como meios de sobrevivência e expressão da exclusão estrutural, evidenciando o paradoxo entre visibilidade funcional e invisibilidade social (Cruz & Garcia, 2021). Essa dimensão do “trabalho por necessidade”, conforme apontam Bucciarelli et al. (2024), revela o entrelaçamento entre o empreendedorismo precário e a exclusão social, na qual o discurso do “empreendedor de si” oculta as condições estruturais de desigualdade.

A invisibilidade social configura-se como um fenômeno complexo, ancorado em determinantes psicossociais, na estrutura do racismo institucionalizado e nas desigualdades inerentes à organização de classes sociais. No âmbito das relações de trabalho, essa condição manifesta-se em ocupações caracterizadas pela precarização e pela negação da dignidade laboral, nas quais o chamado “trabalhador invisível” exerce atividades que demandam esforço físico intenso, e não oferecem perspectivas de ascensão ou melhoria das condições de trabalho, sendo frequentemente negligenciado em seu ambiente profissional (Castro, 2021; Queiros et al., 2021). Essa invisibilidade não se refere apenas à ausência de políticas inclusivas, mas também ao apagamento simbólico que relega a uma existência socialmente negada, produzindo sentimentos de vulnerabilidade, insegurança e descartabilidade.

Nesse cenário, o papel da Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR) e de equipamentos como o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), tornam-se fundamentais. Esses espaços ofertam suporte básico como alimentação, higiene, assistência psicossocial, oportunidades de capacitação, emissão de documentos, acesso a benefícios sociais e reinserção no mercado de trabalho. Tais iniciativas visam romper o ciclo da exclusão, ainda que enfrentem os limites impostos pela própria lógica neoliberal de responsabilização individual e retração do Estado (Cacciamali, 2016).

Nesse horizonte, a formação universitária em Psicologia se alicerça sobre o tripé de ensino, pesquisa e extensão. Esta última dimensão está voltada para a transformação social e construção de práxis dialógicas e pedagógicas que se efetivam no encontro entre os saberes acadêmicos e populares. É por meio da extensão que a instituição acadêmica rompe seus próprios muros, construindo coletivamente novos conhecimentos e ações engajadas com as demandas sociais (Lima et al., 2022).

Diante desse contexto, problematizamos como o trabalho informal, exercido por pessoas em situação de rua, expressa as contradições entre sobrevivência e exclusão social, e de que modo a Pesquisa-Documentário (P-D) pode contribuir para a visibilização e o reconhecimento desses sujeitos. A questão se inscreve no campo das práticas extensionistas

do curso de pós-graduação em Psicologia e da produção de conhecimento comprometida com a transformação social, ao buscar compreender as condições de existência e de trabalho de grupos marcados pela invisibilidade e pela precarização.

A relevância da pesquisa se sustenta na necessidade de romper com a invisibilidade social e simbólica das pessoas em situação de rua, compreendendo o trabalho informal não apenas como expressão da precarização, mas também como campo de resistência, agência e produção de sentidos sobre o viver e o trabalhar na cidade. Ademais, o estudo busca fortalecer o compromisso social da Psicologia, ao integrar ensino, pesquisa e extensão em uma proposta que alia o uso do audiovisual à escuta ética e à reflexão crítica sobre dignidade, trabalho e cidadania. A P-D nesse contexto, configura-se como estratégia metodológica inovadora e politicamente engajada, capaz de promover a coautoria e a construção coletiva de saberes entre universidade e comunidade.

O presente artigo tem como objetivo geral relatar as contribuições da Pesquisa-Documentário para a visibilização social e para a construção de espaços de escuta e protagonismo de trabalhadores informais em situação de rua no contexto urbano de Manaus. Como objetivos específicos, busca-se: (a) compreender as relações entre trabalho informal, vulnerabilidade social e invisibilidade; (b) discutir as potencialidades do audiovisual como ferramenta extensionista e metodológica; e (c) refletir sobre as contribuições ético-políticas da P-D para a formação em Psicologia.

Para alcançar esses objetivos, adotou-se a Pesquisa-Documentário (P-D) como estratégia metodológica capaz de articular compromisso ético-político, linguagem audiovisual e produção compartilhada do conhecimento. Ao integrar o audiovisual à prática extensionista, a P-D favorece a ampliação da visibilidade de grupos historicamente marginalizados, contribuindo para a construção coletiva de saberes e para reflexões críticas sobre dignidade, trabalho e pertencimento social. Tal perspectiva dialoga com Gondim, Borges-Andrade e Bastos (2018), que apontam a necessidade de ampliação das inovações metodológicas no campo das pesquisas em Psicologia.

Deste modo, o artigo está organizado em três seções principais: a primeira apresenta os procedimentos metodológicos da Pesquisa-Documentário; a segunda discute os resultados e as narrativas produzidas no campo; e a terceira reúne as considerações finais e as contribuições do estudo para a Psicologia e para as práticas extensionistas voltadas à população em situação de rua.

METODOLOGIA

Partindo do pressuposto de Mussi et al. (2021), de que o conhecimento se constrói por meio de vivências e práticas acadêmicas, a pesquisa foi desenvolvida entre os meses de março e dezembro de 2025, no contexto de uma disciplina extensionista vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O estudo possui aprovação ética por Comitê de Ética em Pesquisa, por meio de projeto guarda-chuva voltado às relações entre subjetividade, audiovisual e trabalho urbano em Manaus (CAAE: 78536124.7.0000.5020), articulado a ações extensionistas direcionadas às tecnologias digitais, educacionais e sociais e à promoção da saúde mental.

A Pesquisa-Documentário (P-D) constituiu o método central, concebido como abordagem inovadora capaz de compreender dimensões subjetivas e psicossociais, articulando-se a princípios ético-políticos de escuta sensível e construção coletiva de saberes sobre dignidade, saúde e cidadania. Tal escolha metodológica fundamenta-se no caráter ético-político da extensão universitária, que busca ampliar a visibilidade de sujeitos e modos de vida historicamente marginalizados, deslocando o olhar da Psicologia, no contexto da clínica individualizante para práticas que reconheçam a dimensão coletiva da subjetividade e os efeitos das desigualdades estruturais (Carrijo et al., 2021; Queirós et al., 2021).

Para adentrar nas entrelinhas do trabalho informal das pessoas em situação de rua, a Pesquisa-Documentário (P-D) emerge como um método capaz de articular esse compromisso ético-político à escuta e à ampliação da visibilização de grupos historicamente marginalizados, como os trabalhadores informais em situação de rua, cuja invisibilidade social evidencia contradições profundas entre o discurso de cidadania e as condições reais de sobrevivência urbana. Ao integrar o recurso audiovisual à prática extensionista, a P-D favorece a construção coletiva de saberes e a promoção de reflexões críticas sobre dignidade, trabalho e pertencimento, contribuindo para a formação de uma Psicologia socialmente comprometida com a transformação das realidades que investiga. Deste modo, Gondim et al. (2018) evidenciaram em suas pesquisas a escassez de inovações metodológicas nos desenhos de pesquisa do campo.

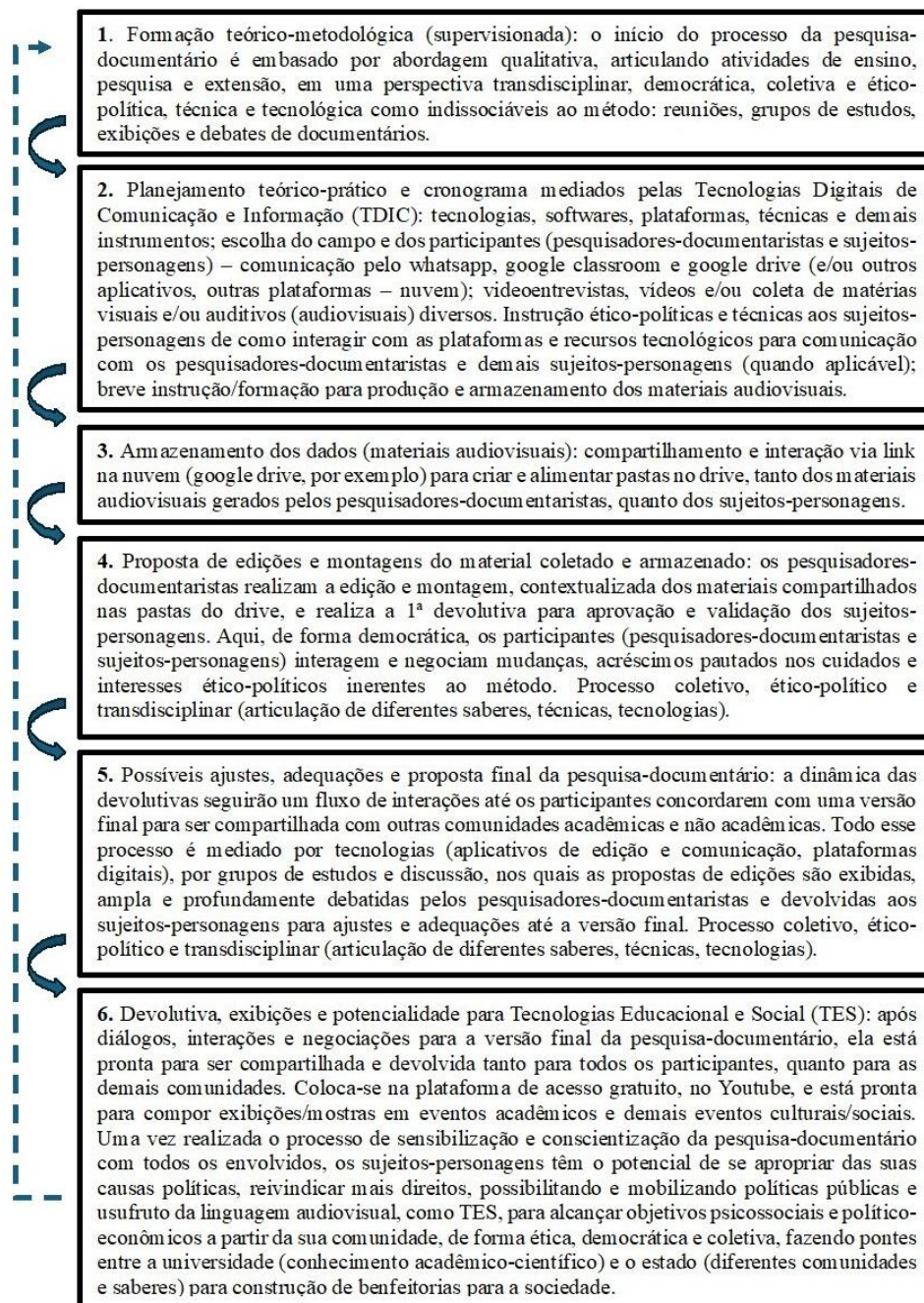
A P-D, ao registrar e construir narrativas com os participantes, produz não somente documentação e registro audiovisual, mas também espaços de escuta, pertencimento e elaboração simbólica, transformando tanto os sujeitos quanto os espectadores (Gomes-Souza et

al., 2024). Essa estratégia fortalece o compromisso das ciências psicossociais com a mobilização social, a promoção da dignidade e a saúde (Bertollo, 2024).

No presente estudo, as seis etapas da Pesquisa-Documentário compreenderam: (1) formação teórico-metodológica e planejamento extensionista, envolvendo integração entre áreas do saber científico e práticas comunitárias; (2) aproximação territorial e construção de vínculo com os participantes; (3) produção das videoentrevistas e registros audiovisuais, nas quais os Sujeitos-Personagens (Su-Per) participaram das decisões sobre o conteúdo e a forma das gravações; (4) organização, transcrição e edição compartilhada do material; (5) validação coletiva e devolutiva junto aos sujeitos-personagens; e (6) disseminação científica e social do documentário em plataformas digitais e espaços acadêmicos. Essas etapas ocorreram de forma interdependente e processual ao longo da pesquisa, respeitando os princípios de horizontalidade, participação e corresponsabilidade que fundamentam a P-D, apresentado na Figura 1.

Figura 1.

Fluxograma da pesquisa-documentário realizada no estudo em 2025



Nota. Adaptado de Gomes-Souza (2025a).

Procedimentalmente, o audiovisual foi produzido na universidade e em espaço público de uma instituição especializada no atendimento a pessoas em situação de rua, com participação de 22 pessoas (17 pesquisadores, 4 sujeitos-personagens e 1 funcionário da instituição pública), seguindo todas as normas do Comitê de Ética. Utilizaram-se Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) acessíveis, incluindo smartphone Samsung Galaxy A21,

tripé e microfone para gravação audiovisual, bem como aplicativos como WhatsApp, Google Drive e o software gratuito Capcut para comunicação, armazenamento, compartilhamento, edição e montagem colaborativa do material audiovisual. As entrevistas, guiadas por roteiro semiestruturado, captaram narrativas, afetos e vivências relacionadas ao trabalho informal, à ausência de políticas públicas, ao estigma e às formas de resistência.

A aproximação com os participantes ocorreu em seus próprios contextos cotidianos de convivência e trabalho, respeitando-se as dinâmicas territoriais e relacionais que organizam a experiência da vida nas ruas. Após o primeiro contato, os participantes foram convidados individualmente a integrar a pesquisa, sendo-lhes apresentados os objetivos do estudo, os procedimentos metodológicos e os aspectos éticos relacionados à produção audiovisual. Em alguns casos, a aproximação foi favorecida por experiências prévias construídas no âmbito profissional dos participantes da pesquisa, o que contribuiu para o fortalecimento do vínculo, da confiança e da participação colaborativa.

Além da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Consentimento para Uso de Imagem e Voz (TCUI), a Pesquisa-Documentário (P-D) adotou uma perspectiva ética ampliada e processual. Nessa abordagem, o consentimento não foi compreendido como um ato pontual e definitivo, mas como um processo contínuo e passível de revisão em todas as etapas da construção audiovisual, incluindo gravação, edição, validação e divulgação do material. A devolutiva social constituiu elemento central do método, uma vez que a versão final do documentário somente foi autorizada para circulação após apreciação e anuência dos sujeitos-personagens. Dessa forma, os participantes atuaram ativamente na construção narrativa, exercendo autonomia sobre sua representação audiovisual e compartilhando decisões relacionadas à permanência, exclusão ou reformulação de conteúdos.

Tal posicionamento ético fortalece a proteção dos participantes e reafirma a utilização do audiovisual como ferramenta de mobilização coletiva, visibilização crítica do trabalho informal e promoção de direitos sociais (Carrijo et al., 2021; Gomes-Souza, 2025a; Gomes-Souza & Sousa Lima, 2025). Além disso, a perspectiva colaborativa da P-D contribuiu para deslocar os participantes da condição de objetos de investigação para a posição de coautores da experiência investigativa, ampliando espaços de reconhecimento, pertencimento e cidadania.

A coleta de dados ocorreu por meio de videoentrevistas semiestruturadas realizadas em espaços de convivência e trabalho dos participantes, respeitando seus tempos, limites e modos de expressão. O roteiro contemplou questões relacionadas às trajetórias laborais, experiências cotidianas no trabalho informal, percepções sobre riscos e insegurança, sofrimento físico e

emocional, estratégias de enfrentamento, relações de solidariedade, experiências de estigmatização social e sentidos atribuídos ao trabalho e à masculinidade.

Como diferencial metodológico, a P-D articulou investigação científica, prática extensionista e produção audiovisual colaborativa. Cada participante pôde decidir sobre sua forma de participação, incluindo filmar, ser filmado, produzir registros complementares em áudio, vídeo ou fotografia, bem como sugerir alterações, exclusões ou incorporações de conteúdos durante o processo de edição. Essa construção compartilhada favoreceu a democratização da produção do conhecimento e possibilitou o encontro entre saberes acadêmicos e populares em uma perspectiva transdisciplinar e participativa (Gondim et al., 2018).

A versão final do documentário foi construída mediante sucessivos movimentos de diálogo, revisão, validação coletiva e consentimento contínuo, envolvendo pesquisadores e sujeitos-personagens em todas as fases da produção. Após aprovação coletiva, o material audiovisual foi disponibilizado em plataformas digitais gratuitas, como o YouTube, além de ser utilizado em ações extensionistas, mostras culturais e atividades acadêmico-científicas, ampliando a devolutiva social da pesquisa.

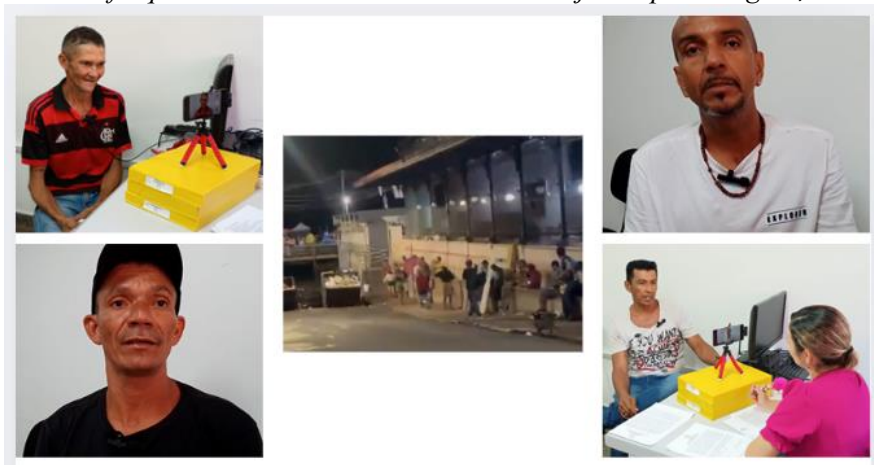
A análise dos dados fundamentou-se nos referenciais da Psicodinâmica do Trabalho, especialmente nas contribuições relacionadas às experiências de prazer e sofrimento no contexto laboral, aos mecanismos defensivos e às repercussões psicossociais do trabalho precário sobre a saúde mental (Dejours, 2017). As entrevistas audiovisuais foram integralmente transcritas e submetidas à análise temática interpretativa, articulando narrativas verbais, expressões corporais, silêncios, afetos e registros observacionais produzidos durante o trabalho de campo.

Inicialmente, realizou-se leitura flutuante do material empírico, seguida da identificação de núcleos de sentido relacionados às experiências de precarização, invisibilidade social, sofrimento psíquico, reconhecimento, masculinidade e estratégias defensivas. Posteriormente, as categorias analíticas foram construídas por aproximação semântica e interpretadas à luz da Psicodinâmica do Trabalho e dos referenciais ético-políticos da Pesquisa-Documentário.

O método impactou profundamente a dimensão subjetiva dos participantes, promovendo reconhecimento, autonomia, protagonismo e espaço de fala. A pesquisa-documentário respeitou todas as etapas teórico-metodológicas, conforme demonstrado na Figura 2.

Figura 2.

Prints da área urbana frequentada e das entrevistas com os sujeitos-personagens, 2025



Nota. Acervo próprio dos autores (2025)⁸.

Desse modo, a Pesquisa-Documentário consolidou-se como método e dispositivo ético-político de escuta, visibilização e construção compartilhada de saberes. Ao favorecer processos de coautoria e participação ativa dos sujeitos-personagens, o audiovisual possibilitou acessar dimensões subjetivas e psicossociais frequentemente invisibilizadas nas abordagens tradicionais de pesquisa, ampliando a compreensão sobre as experiências de trabalho informal e sobrevivência nas ruas. A partir dessas narrativas e registros audiovisuais, apresentam-se, a seguir, os resultados e discussões construídos no percurso investigativo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A P-D desenvolvida com trabalhadores informais em situação de rua fundamenta-se na utilização da produção audiovisual como dispositivo metodológico de escuta, visibilização narrativa e problematização das experiências relacionadas ao trabalho informal e às trajetórias de vulnerabilização social. A construção da proposta emergiu a partir das observações realizadas pelos pesquisadores-documentaristas (Pe-Doc) durante atuação profissional em uma instituição pública municipal especializada no atendimento à população em situação de rua, contexto no qual se evidenciaram múltiplas formas de precarização laboral, fragilidade dos vínculos sociais e barreiras de acesso a direitos fundamentais.

⁸ Imagens autorizadas por meio do TCUI.

Ancorada nos pressupostos ético-políticos da extensão universitária e nas abordagens participativas de produção do conhecimento, a P-D constituiu-se como um espaço de construção compartilhada de narrativas, favorecendo a emergência de dimensões subjetivas, afetivas e sociopolíticas frequentemente marginalizadas nos discursos institucionais e nas representações sociais sobre a população em situação de rua. Nesse sentido, o recurso audiovisual foi compreendido não apenas como instrumento de registro, mas como mediador relacional capaz de produzir aproximações, deslocamentos interpretativos e processos reflexivos entre pesquisadores e sujeitos-participantes.

Durante as gravações com os Su-Per, foram utilizadas perguntas abertas voltadas às trajetórias que antecederam a situação de rua, às estratégias de geração de renda, às experiências afetivas relacionadas ao trabalho e à sobrevivência cotidiana, bem como às perspectivas de futuro construídas pelos participantes. Tal dinâmica mobilizou tanto os Su-Per quanto os Pe-Doc em um processo dialógico e formativo, possibilitando a elaboração de narrativas sobre sofrimento, resistência, pertencimento e produção de sentidos acerca da própria experiência social. Conforme destacam Carrijo et al. (2021), a P-D configura-se como prática de coautoria e corresponsabilidade, na qual a câmera ultrapassa a função meramente registral, participando ativamente da produção de vínculos, da negociação de sentidos e da reinscrição de modos de ver e narrar o mundo social.

A invisibilidade, enquanto fenômeno psicossocial, emergiu nas falas dos sujeitos-personagens como marca da exclusão, mas também como resistência silenciosa. Em uma das falas mais emblemáticas, o participante 2 afirmou: “*A rua entra dentro do teu sangue e é difícil sair*”. A metáfora traduz a internalização da rua como condição existencial, revelando que a marginalização social não é somente externa, mas atravessa o corpo, o afeto e a identidade. O participante 1 sintetiza a experiência da perda e da dissolução do eu: “*Eu esqueço de quem eu fui, e sinto saudade de quem eu era*”.

Essas expressões evidenciam a dimensão subjetiva da invisibilidade: a dor de ser apagado socialmente se converte em uma forma de esquecimento de si, produzindo sentimentos de desamparo e desidentificação. Como afirma Rolnik (2018), o sofrimento subjetivo é também político, ao resultar do esvaziamento dos laços de reconhecimento e pertencimento. A rua, nessa perspectiva, não é somente um espaço físico de exclusão, mas um território simbólico que produz modos específicos de ser, sobreviver e resistir.

A precarização laboral aparece entrelaçada a essa invisibilidade. O participante 2 relata: “*As pessoas geralmente não dão emprego porque tu mora na rua*”, explicitando o estigma que

transforma a condição de rua em marcador de desconfiança, desqualificação e exclusão do mercado formal de trabalho. Essa exclusão sistemática, como argumenta Tiengo (2021), constitui uma das faces mais perversas da informalidade, na medida em que nega o valor do trabalho e naturaliza a precariedade como destino. Entretanto, mesmo diante desse cenário de exclusão, emergem nas narrativas elementos relacionados à dignidade e à produção de sentido no trabalho. Ao afirmar: “*Eu me sinto feliz porque estou deixando uma pessoa mais feliz, que ela está precisando daquela obra*” o participante 2 revela que o trabalho ultrapassa sua dimensão exclusivamente econômica, constituindo também espaço de reconhecimento subjetivo, utilidade social e valorização de si. Assim, ainda que realizado em condições precarizadas e marcado pela ausência de direitos, o trabalho aparece investido de significado ético e afetivo, funcionando como importante mecanismo de resistência frente aos processos de invisibilização social.

Para os Pe-Doc, vivenciar essas narrativas em campo ao manter contato direto com as histórias de vida, mediado pela câmera e pelo convívio, produziu um tipo de saber situado, construído *com* e não *sobre* os participantes. Como defende Freire (2011), a escuta é um ato político, pois implica reconhecer o outro como sujeito do conhecimento e não como objeto de pesquisa.

Durante o processo, o grupo de pesquisa se percebeu afetado por aquilo que Gomes-Souza, Sampaio e Tramontano (2024) denominam como campo intersubjetivo da P-D: um espaço em que o pesquisador é convocado a sentir, elaborar e revisitar suas próprias referências de mundo. Escutar falas como as do participante 2: “*A rua é uma selva. Se você for fraco, vão passar por cima de ti*” ou do participante 1: “*De noite o pessoal está dormindo embaixo de uma loja, chove, não tem cobertura*” gerou nos estudantes uma consciência ampliada sobre o sofrimento social, mas também sobre a potência resiliente desses sujeitos.

As narrativas produzidas revelam uma complexa relação entre os indivíduos em situação de rua e o conceito de trabalho. Há um contraste marcante entre as trajetórias profissionais anteriores dos entrevistados e suas atuais condições de sobrevivência. Dois participantes relataram experiências laborais em grandes empresas do polo industrial de Manaus, instituições governamentais, atuação militar e trabalhos na construção civil como mestre de obras. Os outros dois mencionam trajetórias vinculadas à produção artística (esculturas, desenhos e quadros), além da prestação de serviços como lavagem de carros.

No presente, entretanto, suas atividades encontram-se atravessadas pela precarização e pela informalidade, sendo descrita pelos próprios participantes como “bicos”. Tal realidade

aparece nas falas do participante 1: “*Carrego alguma coisa, capino, quintal, cato latinha...*” e do participante 2: “*Trabalho no porto com atividades de carga e descarga, e com obra*”. Nesse contexto, Tiengo (2021) destaca que denominar pessoas em situação de rua como mendigos, constitui um equívoco conceitual, e uma prática degradante, pois desconsidera que a situação de rua representa uma expressão radical da questão social. O trabalho é central na vida dessas pessoas, e muitos se envergonham de estratégias como a mendicância.

A situação de rua constitui um fenômeno social multifacetado, atravessado por dimensões econômicas, afetivas, familiares, institucionais e subjetivas, não se restringindo à ausência de moradia convencional. As narrativas dos sujeitos-participantes evidenciaram trajetórias marcadas por rupturas de vínculos sociais e familiares, processos de vulnerabilização e experiências de sofrimento psicossocial. Entre os elementos recorrentes nos relatos, destacaram-se sentimentos associados à vergonha, ao afastamento familiar e às dificuldades de reconstrução de vínculos anteriormente fragilizados.

No relato do participante 1, a separação conjugal é apresentada como elemento significativo em sua trajetória de ida para a situação de rua: “*A separação foi um ponto crucial para me levar para a situação de rua*”. De modo semelhante, o participante 4 menciona problemas de saúde, conflitos familiares e restrições relacionadas ao convívio com os filhos, incluindo a existência de medida protetiva solicitada pela mãe. Tais experiências indicam contextos de sofrimento emocional, instabilidade relacional e fragilização das redes de apoio social, aspectos frequentemente identificados na literatura como associados aos processos de permanência ou agravamento da situação de rua.

Os obstáculos enfrentados para a empregabilidade são desafiadores, mas os impactos emocionais são igualmente devastadores. Os entrevistados sugerem que o uso de substâncias psicoativas e do álcool, pode ser mais uma consequência do que a causa principal da vida na rua. O participante 1 se refere a elas como “*a cereja do bolo*”, indicando que são um complemento a uma condição já estabelecida. Os sonhos de recuperar a vida de antes das ruas permanecem, mas é confrontado com a dura realidade de que “*não adianta sonhar, você tem que correr atrás da tua realidade*” (participante 2). Essa fala resume o paradoxo de ter esperança, mas sentir-se preso em uma situação na qual a saída é “difícil”.

Mediante ao exposto, a P-D, ao promover essa aproximação entre mundos, provocou o que Bertollo (2024) chama de descentramento formativo, deslocando o pesquisador de uma posição de observador neutro para a de sujeito implicado, sensível e corresponsável. Essa

implicação foi decisiva para a formação ética e política dos discentes, pois revelou que a produção de conhecimento é inseparável da escuta, da empatia e da responsabilidade social.

A escolha pelo audiovisual mediado pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) permitiu expandir os limites tradicionais da pesquisa em Psicologia. Conforme defendem Gomes-Souza (2025a, 2025b) e Colombo et al. (2022), a linguagem audiovisual é, simultaneamente, uma forma de comunicação científica e uma prática de democratização do conhecimento. Ao construir um curta-metragem em coautoria, a P-D transformou conceitos complexos das ciências psicossociais em imagens, gestos e afetos acessíveis ao público mais amplo, aproximando a academia da sociedade.

Esse aspecto se mostrou particularmente relevante quando os Su-Per, ao assistirem à primeira versão do documentário, afirmaram se reconhecer nas imagens e nas falas. Esse reconhecimento visual e simbólico operou como um processo de espelhamento e elaboração subjetiva, conferindo-lhes visibilidade e pertencimento. A coautoria, nesse sentido, converte-se em dispositivo de cidadania. Como sintetiza o participante 1: “*Hoje eu vivo com saudade... saudade de quem eu era*”. Essa fala, ao ser exibida na tela, desloca o estigma da “mendicância” para a dimensão humana da perda e da esperança.

Além disso, a experiência mobilizou a equipe de pesquisadores para pensar a ciência em uma perspectiva estética, ética e afetiva. O desafio técnico de manusear câmeras, editar sons e imagens, discutir enquadramentos e cortes, converteu-se em exercício de diálogo, sensibilidade e rigor político. Cada decisão estética foi também uma decisão ética: o que mostrar, o que silenciar, como representar a dor sem explorá-la.

Nesse sentido, o processo de construção do documentário revelou-se uma potente experiência formativa. A convivência com os Su-Per, o compartilhamento das decisões de edição e o diálogo permanente sobre as versões do curta transformaram a forma como os pesquisadores compreenderam o papel da Psicologia e da universidade. Como afirma Lima et al. (2022), a extensão é o lugar no qual o saber acadêmico se encontra com os saberes populares e, nesse encontro, ambos se transformam.

A prática da P-D, ao garantir a ampliação da voz e autoria aos participantes, ensinou aos discentes que fazer ciência é também um ato de responsabilidade social. Ao registrar e exibir as narrativas de quem vive à margem, a P-D converteu-se em uma pedagogia da escuta e do reconhecimento. A invisibilidade, nesse contexto, deixou de ser apenas objeto de análise para tornar-se experiência compartilhada, tanto sentida pelos sujeitos quanto pelos pesquisadores.

Como descrevem Gomes-Souza e Sousa Lima (2025), o audiovisual opera como um dispositivo de subjetivação e resistência, capaz de transformar a escuta em narrativa visual e está em movimento político. Essa transformação ficou evidente no momento em que os participantes se viram na tela: o gesto de assistir-se rompeu o ciclo da invisibilidade, devolvendo-lhes um lugar de existência pública. Para os pesquisadores, esse momento consolidou a percepção de que a ciência pode e deve ser uma prática de emancipação.

A experiência da Pesquisa-Documentário evidenciou que o processo investigativo ultrapassou a dimensão técnica da produção audiovisual, configurando-se como espaço de encontro, escuta e implicação ética entre pesquisadores-documentaristas (Pe-Doc) e sujeitos-personagens (Su-Per). Ao longo da construção do documentário, cada etapa produziu efeitos formativos e psicossociais distintos, tanto na elaboração das narrativas quanto na maneira como os participantes passaram a perceber suas próprias trajetórias e lugares sociais.

No processo de aproximação e construção de vínculo, observou-se que a permanência dos pesquisadores nos territórios e espaços de convivência favoreceu relações de confiança e acolhimento, possibilitando que os participantes compartilhassem experiências marcadas por sofrimento, exclusão e resistência. Esse movimento contribuiu para deslocar a lógica tradicional da pesquisa centrada apenas na coleta de dados, favorecendo relações mais horizontais e dialógicas.

Durante as videoentrevistas, a utilização de perguntas abertas permitiu que os sujeitos-personagens narrassem suas trajetórias de forma livre, atribuindo sentidos próprios às experiências de trabalho informal, situação de rua, vínculos familiares e projetos de vida. Nesse contexto, o audiovisual revelou-se não apenas um recurso metodológico, mas também um mediador de expressão subjetiva, capaz de tornar visíveis experiências frequentemente silenciadas nos discursos sociais hegemônicos.

O processo de edição compartilhada também assumiu relevância analítica e ética. A possibilidade de assistir, discutir e revisar as narrativas audiovisuais permitiu aos participantes exercerem maior autonomia sobre suas representações, negociando permanências, exclusões e reformulações do material produzido. Esse movimento reforçou a dimensão colaborativa da P-D e ampliou a participação dos sujeitos-personagens na construção do conhecimento.

Outro aspecto relevante refere-se aos efeitos formativos produzidos nos pesquisadores-documentaristas. A convivência com os participantes e o contato contínuo com suas narrativas produziram deslocamentos éticos, afetivos e políticos na compreensão sobre trabalho, dignidade e exclusão social. A pesquisa deixou de ocupar exclusivamente o lugar de observação

acadêmica e passou a constituir uma experiência de corresponsabilidade social e implicação subjetiva.

Nesse sentido, a P-D consolidou-se como prática de escuta, reconhecimento e produção compartilhada de sentidos. Conforme discutem Gomes-Souza e Sousa Lima (2025), o audiovisual pode operar como dispositivo de subjetivação e resistência ao transformar experiências individuais em narrativas socialmente compartilhadas. Tal dimensão tornou-se particularmente evidente nos momentos de devolutiva coletiva, quando os sujeitos-personagens se reconheceram nas imagens e narrativas construídas ao longo do documentário. Esse reconhecimento produziu efeitos simbólicos relacionados à visibilidade, pertencimento e validação de suas experiências sociais.

Além da dimensão investigativa, a circulação do documentário em espaços acadêmicos, extensionistas e culturais ampliou a devolutiva social da pesquisa e fortaleceu o diálogo entre universidade e comunidade. A socialização das narrativas audiovisuais contribuiu para problematizar estigmas associados à situação de rua e ao trabalho informal, favorecendo reflexões críticas sobre desigualdade social, direitos humanos e reconhecimento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida por meio da P-D evidenciou o potencial do audiovisual como estratégia teórico-metodológica de investigação, intervenção psicossocial e produção compartilhada do conhecimento no campo da Psicologia. Ao articular ensino, pesquisa e extensão em uma perspectiva ético-política e participativa, a P-D ultrapassou a dimensão instrumental da produção audiovisual, constituindo-se como um dispositivo de escuta, visibilização social e construção coletiva de narrativas sobre trabalho, sofrimento e dignidade humana.

Os resultados demonstraram que a integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) favoreceu a ampliação da circulação social do conhecimento científico e fortaleceu os processos de devolutiva comunitária da pesquisa. A utilização do audiovisual permitiu que os sujeitos-personagens se reconhecessem como protagonistas de suas próprias narrativas, produzindo efeitos simbólicos relacionados ao pertencimento, reconhecimento social e validação de suas experiências. Nesse sentido, a P-D contribuiu para tensionar processos históricos de invisibilização associados à situação de rua e ao trabalho informal,

reafirmando o potencial político da linguagem audiovisual na democratização da ciência e na ampliação do diálogo entre universidade e sociedade.

Outro aspecto relevante refere-se à dimensão extensionista e colaborativa do método. A circulação do documentário em espaços acadêmicos, culturais e comunitários por meio do link https://www.youtube.com/watch?v=Dkw1ziKAi_k, ampliou a interlocução entre universidade, poder público e comunidade, fortalecendo o compromisso social da Psicologia com o enfrentamento das desigualdades sociais e com a valorização de saberes produzidos em contextos historicamente marginalizados. A experiência evidenciou que a extensão universitária, quando articulada à pesquisa e ao audiovisual, pode favorecer práticas mais horizontais de construção do conhecimento, nas quais os participantes deixam de ocupar exclusivamente a posição de objeto de investigação e passam a atuar como sujeitos ativos do processo investigativo.

Do ponto de vista formativo, a experiência produziu impactos significativos na constituição ética, política e profissional dos pesquisadores-documentaristas. O contato direto com os sujeitos-personagens, suas trajetórias, afetos, experiências de sofrimento social favoreceu deslocamentos na compreensão sobre o papel da Psicologia, da pesquisa e da universidade pública. A convivência em campo permitiu reconhecer que a produção de conhecimento científico não se dissocia da responsabilidade social, da escuta qualificada e do compromisso com os direitos humanos.

Como perspectivas para estudos futuros, sugere-se o desenvolvimento de pesquisa-documentário de caráter longitudinal, possibilitando acompanhar transformações subjetivas, sociais e laborais dos sujeitos-personagens, permitindo observar transformações subjetivas e sociais ao longo do tempo. Recomenda-se, ainda, a ampliação de investigações voltadas à recepção pública das produções audiovisuais, especialmente no que se refere aos impactos do audiovisual na sensibilização social, na formulação de políticas públicas e na desconstrução de estigmas.

Considera-se que a P-D demonstrou ser uma metodologia potente para a produção de conhecimento crítico e socialmente implicado, articulando ciência, arte, território e compromisso ético-político. Ao favorecer processos de escuta, participação e coautoria, a P-D reafirma o papel da Psicologia na defesa da dignidade humana, na valorização de sujeitos historicamente marginalizados e na construção de práticas acadêmicas comprometidas com transformação social. Nesse horizonte, o audiovisual consolida-se não apenas como recurso

metodológico, mas como linguagem política e formativa capaz de ampliar vozes, tensionar desigualdades e fortalecer o papel social da universidade pública.

REFERÊNCIAS

- Antunes, R. (2018). Infoproletariado, informalidade, (i)materialidade e valor: O novo proletariado global e suas principais tendências. In R. Antunes, *O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços na era digital* (pp. 76–99). Boitempo.
- Bernardino, D. C. de A. M., & Andrade, M. (2015). O trabalho informal e as repercussões para a saúde do trabalhador: Uma revisão integrativa. *Revista de Enfermagem Referência*, *IV*(7), 149–157. <https://doi.org/10.12707/RIV14049>
- Bertollo, M. (2024). Internet e telefonia móvel no Brasil: Qualidade e densidade das redes no território. *Confins*, *64*, 1–16. <https://journals.openedition.org/confins/59279>
- Bucciarelli, B. B., Melo, C. B. O., Souza, F. M. dos S., Silva, S. B. da, & Martyniuk, V. L. (2024). A oferta do café de rua nas capitais São Paulo e Vitória. *RECIIS: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, *18*(2), 274–290. <https://doi.org/10.29397/reciis.v18iAhead-of-Print.3806>
- Cacciamali, M. C. (2016). Globalização e processo de informalidade. *Economia e Sociedade*, *9*(1), 153–174. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643124>
- Castro, M. R. de. (2021). Os trabalhadores invisíveis. *Revista do Tribunal Superior do Trabalho*, *87*(2), 133–148. https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/190040/2021_castro_maria_trabalhadores_invisiveis.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Carrijo, G. G., Rasera, E. F., & Teixeira, F. B. (2021). Aonde isso vai parar? Desafios éticos na pesquisa-documentário com travestis. *Cadernos Pagu*, *61*, e216110. <https://doi.org/10.1590/18094449202100610010>
- Colombo, M. E., Varela, U. N., & Müller, F. O. (2022). Ciência audiovisual na rede: Um caso de apropriação de divulgação científica pelo canal Ciência Todo Dia no YouTube. *Revista Signos*, *43*(2), 186–201. <https://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/3245>
- Cruz, U. R. X. da, & Garcia, R. A. (2021). A produção social do trabalho (in)formal na rede de reciclagem do Estado do Rio de Janeiro. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, *23*(2), 279–316. <https://doi.org/10.35701/rcgs.v23.785>
- Durães, B. J. R. (2020). O trabalho informal de rua reconfigurado: Sua função como agente da acumulação. *Caderno CRH*, *33*, e020023. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v33i0.28167>
- Freire, M. (2011). *Documentário: Ética, estética e formas de representação*. Annablume.

- Gomes-Souza, R., Sampaio, C. R. B., & Tramontano, M. C. (2024). Psicologia indígena, ou a construção de um lócus de mediação. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *41*, e230090. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202441e230090pt>
- Gomes-Souza, R. (2025a). Pesquisa-documentário e desafios ético-políticos na formação e processos interventivos em psicologia do trabalho. In A. Assunção, S. D. Guimarães Junior, & N. R. A. de A. M. de Souza (Orgs.), *Psicologia e trabalho digno: Desafios ético-políticos e enfrentamentos na contemporaneidade* (pp. 279–299). Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro. https://www.crprj.org.br/uploads/revista/6116/-Ohy9mQE6WI-Wk--MB0s_8DSIRdxVhM.pdf
- Gomes-Souza, R. (2025b). Psicologia do trabalho e pesquisa-documentário: Contribuições teórico-metodológicas. In R. Gomes-Souza, A. C. L. Vasconcelos, R. F. dos Passos, R. de Lima, & S. de F. M. Nina (Orgs.), *Subjetividade, trabalho e saúde: Aproximações entre práticas e saberes nos contextos amazônico e latino-americano* (pp. 284–316). Pimenta Cultural.
- Gomes-Souza, R., & Sousa Lima, K. (2025). Subjetividades e afetos na pesquisa-documentário com estudantes universitários que trabalham. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, *13*(1), 5070–5083. <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v13.e5.a2025.id2153>
- Gondim, S. M. G., Borges-Andrade, J. E., & Bastos, A. V. B. (2018). Desenvolvimento científico e desafios da psicologia do trabalho e das organizações no Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *18*(número especial), 1087–1105. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000400004&lng=pt&tlng=pt
- Lima, F. D. B., Silva, F. N. L. da, Cavalcante, L. de Q., & Lavor Filho, T. L. de. (2022). Um relato de experiência sobre o projeto de extensão psicocine. *Revista Encontros Científicos UniVS*, *4*(1), 1–10. <https://rec.univs.edu.br/index.php/rec/article/view/175>
- Mussi, R. F. de F., Flores, F. F., & Almeida, C. B. de. (2021). Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, *17*(48), 60–77. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>
- Queirós, E. da S., Zanatta, J. A., & Biagi, E. P. (2021). Trabalhadores invisíveis: Fotodocumentário de profissionais em Campo Grande/MS. In *Anais do 3º Cine-Fórum da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul* (Vol. 2, No. 2, pp. 938–947). <https://anaisonline.uems.br/index.php/cineforumuems/article/view/7640>
- Rolnik, S. (2018). Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, *1*(2), 241–252. <https://doi.org/10.2354/cs.v1i2.38134>

- Tavares, M. A. (2004). *Os fios (in)visíveis da produção capitalista: Informalidade e precarização do trabalho*. Cortez.
- Tiengo, V. M. (2021). População em situação de rua: Integrantes da classe trabalhadora? *Emancipação*, 21, 1–17. <https://doi.org/10.5212/emancipacao.v.21.2113089.003>
- Vasconcelos, E. F., Costa, A. K. B. da, Oliveira, G. da V., & Pereira, K. L. (2023). Informalidade e vulnerabilidade psicossocial. *Interações (Campo Grande)*, 24(3), 1073–1086. <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/4091>

CRedit Author Statement

- ❑ **Reconhecimentos:** À Coordenação de Apoio de Pessoal de Nível Superior (CAPES), à Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).
- ❑ **Financiamento:** Não há fomento de instituição.
- ❑ **Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.
- ❑ **Aprovação ética:** O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa e possui aprovação do comitê de ética com CAAE: 78536124.7.0000.5020.
- ❑ **Disponibilidade de dados e material:** O material utilizados no trabalho está disponível para acesso no link: https://www.youtube.com/watch?v=Dkw1ziKai_k.
- ❑ **Contribuições dos autores:** **Ronaldo Gomes-Souza:** Concepção e estrutura do projeto; Análise e interpretação dos dados; Redação do artigo; Revisão crítica relevante do conteúdo teórico-intelectual; Método; Aprovação final da versão a ser publicada; Responsável por todos os aspectos do trabalho, garantindo que as questões relacionadas à precisão ou integridade de qualquer parte do trabalho sejam adequadamente investigadas e resolvidas; Supervisão do processo e geral final; **Ursula Kirschner:** Análise e interpretação dos dados; Redação do artigo; Revisão crítica relevante do conteúdo teórico-intelectual; Aprovação final da versão a ser publicada; Responsável por todos os aspectos do trabalho, garantindo que as questões relacionadas à precisão ou integridade de qualquer parte do trabalho sejam adequadamente investigadas e resolvidas; **Estephania de Lima Oliveira:** Análise e interpretação dos dados; Redação do artigo; Revisão crítica relevante do conteúdo teórico-intelectual; Aprovação final da versão a ser publicada; Responsável por todos os aspectos do trabalho, garantindo que as questões relacionadas à precisão ou integridade de qualquer parte do trabalho sejam adequadamente investigadas e resolvidas. **Edinaldo Inocêncio Ferreira Junior:** Análise e interpretação dos dados; Redação do artigo; Revisão crítica relevante do conteúdo teórico-intelectual; Aprovação final da versão a ser publicada; Responsável por todos os aspectos do trabalho, garantindo que as questões relacionadas à precisão ou integridade de qualquer parte do trabalho sejam adequadamente investigadas e resolvidas; **Mirlene Carvalho Parente:** Análise e interpretação dos dados; Redação do artigo; Revisão crítica relevante do conteúdo teórico-intelectual; Aprovação final da versão a ser publicada; Responsável por todos os aspectos do trabalho, garantindo que as questões relacionadas à precisão ou integridade de qualquer parte do trabalho sejam adequadamente investigadas e resolvidas. **Flávia Giovana dos Santos Gonçalves:** Análise e interpretação dos dados; Redação do artigo; Revisão crítica relevante do conteúdo teórico-intelectual; Aprovação final da versão a ser publicada; responsável por todos os aspectos do trabalho, garantindo que as questões relacionadas à precisão ou integridade de qualquer parte do trabalho sejam adequadamente investigadas e resolvidas.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

